



**Fórum de
Pró-Reitores
de Extensão
das Instituições
Públicas de
Educação Superior
Brasileiras**



Open access  free available online

Revista Brasileira de Extensão Universitária

v. 8, n. 3, p. 135-142 set.- dez. 2017 e-ISSN 2358-0399

DOI: <https://doi.org/10.24317/2358-0399.2017v8i3.4779>

originais recebidos em 01 de setembro de 2016

aceito para publicação em 18 de setembro de 2017

Agroecologia e Extensão: o movimento estudantil em defesa de uma nova Agronomia

Rodrigo Ferraz Ramos^{1,*}, José Tobias Marks Machado²,
Jeferson Tonin², Lisiane Sobucki¹,
Débora Leitzke Betemps¹

Resumo: O movimento estudantil nacional absorveu diversas temáticas emergentes dos movimentos sociais que tendem a contrapor a hegemonia dos paradigmas convencionais, observada nas universidades e na sociedade. No tocante aos cursos de Agronomia, se observa uma tendência de temas referentes à agroecologia e a extensão universitária adentrarem os círculos de discussões entre estudantes, professores, profissionais e sociedade em geral. No presente artigo, conduz-se um relato da experiência da 16ª edição do Encontro Regional dos Estudantes de Agronomia – EREA, estabelecendo uma discussão sobre os principais temas abordados no tocante à formação profissional de Agronomia. Considera-se a necessidade de ampliar a discussão acerca da formação de profissionais que consigam superar os limites e a problemática acerca da concepção hegemônica da Agronomia. Conclui-se que os encontros regionais dos estudantes de Agronomia consagram-se enquanto um espaço de diálogo e formação crítica dentro do conjunto do movimento estudantil nacional, contribuindo concomitantemente para o intercâmbio sociocultural entre estudantes de diferentes regiões, e a aproximação destes com a dinâmica dos movimentos sociais.

Palavras-chave: Ciência Agrônoma; FEAB; Movimentos sociais; Universidade

Content shared under [Creative Commons Attribution 3.0 Licence](https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/) CC-BY

1 Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Cerro Largo.

2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

* rodrigoferrazramos@gmail.com (autor para correspondência)

Agroecology and extension: the student movement in defense of a new agronomy

Abstract: The national student movement has absorbed several emerging themes of social movements that tend to counter the hegemony of conventional paradigms observed in universities and society. In terms of Agronomy courses, there is a tendency for themes related to agroecology and university extension come to discussions among students, professors, professionals and society in general. Thus, this paper reports experiences of the 16th edition of the Regional Meeting of Agronomy students (EREA), promoting discussion about the main topics addressed in the professional training of Agronomy. It is considered the need to broaden the discussion about professionals' formation who can overcome the limits and the controversy of the Agronomy hegemonic conception. It is concluded that the regional meetings of students of Agronomy are consecrated as a space for dialogue and critical formation within the whole national student movement, concomitantly contributing to the social and cultural exchange between students from different regions and their knowledge of dynamics of social movements.

Keywords: Agronomic science; FEAB; Social Movements; University

Agroecología y extensión: el movimiento estudiantil en defensa de una nueva agronomía

Resumen: El movimiento estudiantil nacional ha absorbido varios temas emergentes de los movimientos sociales que tienden a contrarrestar la hegemonía de los paradigmas convencionales observados en las universidades y la sociedad. En términos de cursos de Agronomía, hay una tendencia a que los temas relacionados con la agroecología y la extensión universitaria lleguen a discusiones entre estudiantes, profesores, profesionales y la sociedad en general. Por lo tanto, este trabajo informa las experiencias de la 16^a edición del Encuentro Regional de Estudiantes de Agronomía (EREA), promoviendo el debate sobre los principales temas abordados en la capacitación profesional de Agronomía. Se considera la necesidad de ampliar la discusión sobre la capacitación de los profesionales que pueden superar los límites y las problemáticas sobre la concepción hegemónica de la Agronomía. Se concluye que las reuniones regionales de estudiantes de Agronomía se consagran como un espacio de diálogo y formación crítica dentro de todo el movimiento estudiantil nacional, contribuyendo de manera concomitante al intercambio social y cultural entre estudiantes de diferentes regiones y su aproximación con la dinámica de los movimientos sociales.

Palabras-clave: Ciencia agronómica; FEAB; Movimientos sociales; Universidad

Introdução

A Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB) é uma entidade organizada por estudantes de graduação em Agronomia que promove encontros entre estudantes em nível regional e nacional, com o intuito de articulá-los e de abordar reflexões que permeiam a formação profissional de Agronomia, como é o caso do Encontro Regional de Estudantes de Agronomia – Sul (EREA-Sul). O EREA-Sul reúne estudantes de Agronomia das instituições de ensino superior da Região Sul do Brasil, composta pelos estados federativos do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC) e Paraná (PR), com o propósito de integrar os estudantes, possibilitando a estes discutir questões relacionadas ao próprio curso e à sociedade.

Diversas críticas são direcionadas ao modelo atual de desenvolvimento da agricultura e aos profissionais de Agronomia, devido aos problemas de ordem econômica, ambiental e social provocados, em parte, pela atuação destes profissionais. Mesmo com diversas críticas realizadas, Silva Neto (2009) salienta que poucas mudanças têm sido percebidas neste campo no sentido de capacitar os seus profissionais para o enfrentamento dos

problemas gerados pelo atual padrão de desenvolvimento da agricultura. A defasagem entre a formação agrônoma e os problemas das sociedades contemporâneas decorre de dificuldades que são, em última instância, de ordem paradigmática, ou seja, que o paradigma atualmente hegemônico na Agronomia constitui-se em um obstáculo que impede os profissionais de definirem adequadamente o seu objeto, impossibilitando-os de tratar os problemas da agricultura sob o ponto de vista do seu desenvolvimento sustentável (SILVA NETO, 2009, 2010). O modelo de formação profissional hegemônico, denominado de Agronomia Normal, está centrado na compreensão de que um conhecimento suficientemente aprofundado das relações solo-planta/animal-atmosfera (base da sua 'competência técnica') permitiria aos agrônomos, no seu exercício profissional, prescindir da análise da complexidade da agricultura (SILVA NETO, 2009).

Consideramos que as questões inerentes ao modelo hegemônico de formação profissional imputado pelas universidades são de interesse dos estudantes de Agronomia, bem como da sociedade em geral, uma vez que os futuros profissionais de Agronomia estarão intrinsecamente envolvidos no processo de estruturação do setor agroalimentar, e sua postura perante problemas

sociais, econômicos e ambientais dependerá do modelo de ensino oferecido aos estudantes. Nesse contexto, os encontros estudantis regionais fornecem ferramentas didático-pedagógicas que exercitam a formação e capacidade de análise crítica sobre o processo de formação universitária.

Em contraposição ao modelo de ensino hegemônico observado nos cursos superiores das Ciências Agrárias, propostas de modelos de ensino diferenciados, com enfoques na Agroecologia, por exemplo, surgem a partir da práxis social de movimentos sociais e de um confronto com a Agronomia Normal. Essas propostas tendem a adentrar as barreiras da universidade, estabelecendo-se enquanto um objeto teórico e metodológico, dotado de fundamentação crítica e científica, que recebem apoio das organizações estudantis, movimentos sociais e movimentos camponeses, que historicamente foram excluídos pelo modelo convencional de ensino superior.

Nesse contexto, a Agroecologia se estabelece enquanto um paradigma científico em construção, no qual o conteúdo do que se entende por Agroecologia se constrói de forma sinérgica por meio de diferentes práticas sociais que têm como elemento comum a convicção da necessidade de ruptura, de caráter emancipatório, com o atual processo de desenvolvimento vigente nas sociedades contemporâneas (SILVA NETO, 2013). A extensão é outra esfera amplamente abordada, principalmente pelos setores da sociedade que reivindicam uma postura das instituições que vá ao encontro do desafio de cumprir com a função social da universidade, em contraponto à abordagem de caráter assistencialista (JEZINE, 2004).

O presente trabalho conduzirá um relato da experiência da 16ª edição do EREA-SUL, realizado na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com o objetivo de estabelecer uma discussão sobre os principais temas abordados no tocante à formação profissional de Agronomia durante o evento. Concomitantemente, pretende-se também contribuir na ampliação do acervo historiográfico da Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB), uma vez que há poucas referências bibliográficas relatadas na literatura acerca dos métodos e resultados obtidos nos encontros estudantis de Agronomia.

Metodologia

O XVI Encontro Regional dos Estudantes de Agronomia (EREA-SUL) foi organizado por estudantes militantes da FEAB na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Cerro Largo, em junho de 2014. Tendo como temática central do evento “os desafios da construção de uma agronomia emancipatória: formação de um profissional sensível à dinâmica dos sistemas agrários e à realidade do campo brasileiro”. O evento dividiu-se em três abordagens metodológicas tradicionalmente adotadas pela FEAB em seus eventos: a) abordagem artística e cultural; b) discussão em mesa redonda com palestrantes

convidados; c) integração com comunidade local. As diferentes abordagens objetivavam proporcionar a interação e o intercâmbio de experiência entre os congressistas, palestrantes, comunidade acadêmica e comunidade externa local.

A abordagem artística e cultural tem como intuito integrar os estudantes em atividades que promovam o intercâmbio sociocultural, com apresentações teatrais durante a abertura do evento, e apresentações artísticas e culturais, genericamente denominadas de “culturais”, durante os períodos noturnos.

As discussões em mesa redonda com palestrantes convidados foram divididas em dois espaços, denominados palestras principais e palestras paralelas. As palestras principais consistiam de dois palestrantes, chamados de facilitadores, que explanavam acerca dos temas propostos durante 30 minutos. Após esse período, os congressistas se dividiam em grupos de discussões (GD's), e durante 30 minutos debatiam acerca do tema proposto com o intuito de organizar questionamentos e sugestões, que seriam explanadas por um relator para os demais grupos de discussão. Após esse momento, a palestra principal prosseguia com as sínteses de cada GD's, que eram debatidas pelo conjunto de estudantes. As palestras paralelas consistiam na realização de discussões com diferentes temas, nas quais os estudantes poderiam escolher as palestras de acordo com suas preferências.

A integração com a comunidade local ocorreu com a elaboração de uma intervenção e diálogo com a sociedade através da colaboração na realização da I Feira Livre da Agricultura Familiar, em frente à praça central do município de Cerro Largo. A Feira objetivou expor os produtos alimentícios e artesanatos provindos da agricultura familiar local, realizando a aproximação dos municípios com a realidade rural. Nos momentos de debate, adotou-se o método pedagógico do Instituto de Educação Josué de Castro (CERLIOL, 2003), seguindo alguns elementos básicos dessa metodologia como, por exemplo, o trabalho coletivo pelos membros; a realização de espaços democráticos; a coletividade, de modo a atender objetivos e ações em comum; e organicidade, através da qual todos devem compreender a estrutura do conjunto.

Resultados e Discussão

No espaço de abertura do evento, realizou-se a abordagem artística e cultural, denominada mística intervencionista, que consistiu em uma apresentação demonstrando teatralmente a simplicidade da vida no campo em contraste com sua importância na produção e diversificação de alimentos. A realização de místicas é um método comumente adotado pelas organizações estudantis, movimentos sociais e camponeses, e fortemente incorporado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). As místicas são uma forte marca no Movimento, pois ela é uma síntese das histórias de luta que os trabalhadores rurais

vivenciam, sendo, deste modo, através de tal celebração, os valores cultivados e transmitidos, a interpretação da realidade social apresentada, e a identidade coletiva reforçada, fortalecendo as convicções dos militantes (TORRES, 2010). Subsequentemente, seguiram-se as palestras principais e paralelas, atividades culturais e a realização da I Feira Livre da Agricultura Familiar.

Palestras principais

O movimento estudantil nacional, nos últimos anos, absorveu várias das tendências e temáticas dos movimentos sociais, o que levou ao surgimento, de modo expressivo, da abordagem de temas mais amplos de modo a incluir a discussão da cultura, do meio ambiente, da paz, dos movimentos das minorias, entre outros (MESQUITA, 2003). O problema central focou a discussão na formação de um profissional que consiga superar os limites e a problemática acerca da concepção hegemônica da Agronomia que, cada vez mais, apresenta crescente dificuldade em tratar da complexidade dos problemas gerados pelo atual padrão de desenvolvimento da agricultura (RAMOS et al., 2015).

Nas palestras principais, foram abordadas as seguintes temáticas: a) Histórico da Agronomia e o papel histórico da FEAB; b) Agroecologia na formação profissional de Agronomia, e c) Extensão Rural e as políticas públicas para a agricultura familiar. Com o intuito de estabelecer uma discussão sobre os principais temas abordados no tocante à formação profissional de Agronomia durante o evento, será realizada uma síntese para cada palestra, buscando estabelecer na medida do possível, um referencial teórico que possibilite a compreensão dos temas abordados.

Histórico da Agronomia e o papel histórico da FEAB

Em 15 de fevereiro de 1877, instalava-se, no Brasil, o primeiro curso superior da área de ciências agrárias: o curso de Agronomia da Imperial Escola Agrícola da Bahia (CAPDEVILLE, 1991). Em sua gênese, o curso buscou atender – e de fato o fez – a uma determinada elite agrária, à época produtora de café, destinado majoritariamente para exportação. Porém, em uma análise mais recente, observa-se que grande parte do ensino da Agronomia ainda está fortemente relacionado à simples resoluções pontuais de problemas específicos, muitas vezes desconexos de seu contexto, como bem aponta Silva Neto (2009), observando-se nestes cursos uma crescente defasagem entre a postura reducionista dos profissionais de Agronomia diante da realidade agrícola e a complexidade dos problemas a ela relacionados.

Dessa forma, é coerente levantar algumas reflexões a partir das mudanças – ou falta delas – na matriz curricular ao longo do tempo, e os sujeitos que a protagonizaram, buscando, aqui, conferir ênfase para o movimento estudantil da Agronomia, o qual se denomina atualmente de Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB). Esta entidade foi fundada em 1951 por

estudantes de Agronomia e Medicina Veterinária, então denominada de União dos Estudantes de Agronomia e Veterinária do Brasil (UEAVB) (FEAB, 2010), e somente em 1954 ocorreu o primeiro congresso organizado apenas por estudantes de Agronomia. Em 1955, criou-se o Diretório Central dos Estudantes de Agronomia do Brasil (DCEAB) e, em 1972, a entidade modifica seu nome para Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB) (FEAB, 2011).

Ao longo de sua história, a FEAB foi protagonista e apoiadora de diversas iniciativas progressistas que ajudaram na ampliação da qualidade da formação profissional. Dentre as principais contribuições da FEAB, destacam-se o apoio ao fim da Lei do Boi, que destinava uma cota de 50% de vagas nas Universidades para filhos de fazendeiros, a criação do Currículo Mínimo Nacional, a Lei dos Agrotóxicos (receituário agrônomo) e a ampliação das discussões sobre a necessidade de modelos agrícolas alternativos ao da “Revolução Verde”. No entanto, percebe-se que o direcionamento central dos cursos de Agronomia ainda é voltado aos interesses de apenas uma determinada categoria social, e esta categoria certamente não é a agricultura familiar. Porém, no movimento estudantil nacional de agronomia, evidencia-se uma postura de defesa de uma “Nova Agronomia”, como explicitado nas deliberações do 57º CONEA realizado em Curitiba/PR:

A FEAB deve discutir e fomentar um novo paradigma de formação profissional e pautar o debate sobre uma agronomia emancipatória enquanto ciência da complexidade, superando os paradigmas de uma agronomia hegemônica baseada nas “ciências normais”, tais como a ciência positivista (FEAB, 2014a).

Nesse sentido, Simões (2016) salienta que é importante conceber o movimento dos estudantes como revelador dos impasses e percalços enfrentados em propostas de formação, que buscam construir no agrônomo uma identidade socioprofissional forjada na fronteira de um espaço social em permanente disputa, o campo do desenvolvimento rural, em favor dos agentes mais desprovidos de capital: os agricultores familiares.

A partir da discussão realizada durante esta palestra, foi possível concluir que a FEAB representa um papel importante nas discussões e na defesa de uma formação profissional que supere os problemas de ordem econômica, ambiental e social promovidas pelo atual modelo de desenvolvimento da agricultura.

Agroecologia na formação profissional de Agronomia

A Agroecologia constitui um enfoque teórico e metodológico que, lançando mão de diversas disciplinas científicas, pretende estudar a atividade agrária sob uma perspectiva ecológica e sistêmica, adotando o agroecossistema como unidade de análise, e tendo como propósito, em última instância, proporcionar as bases científicas (princípios, conceitos e metodologias) para apoiar o processo de transição do atual modelo de agricultura convencional para estilos de agriculturas

sustentáveis (CAPORAL; COSTABEBER, 2004). Ressalva-se que o processo de transição agroecológica deva ser compreendido tanto a partir da dimensão econômica, como das dimensões social e ambiental, a fim de estabelecer um quadro teórico que permita a compreensão das razões e atitudes dos agentes sociais que protagonizam este processo (COSTABEBER; MOYANO, 2000). Portanto, é central o conceito de transição agroecológica, que tem como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção a estilos de agriculturas que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

Nessa palestra, considerou-se que a Agronomia, juntamente com a Agroecologia, deveriam ser abordadas enquanto ciências da complexidade, nas quais a Agroecologia se estabeleça enquanto um enfoque científico para a promoção de um desenvolvimento e de uma agricultura sustentável. Entretanto, discutiram-se referenciais teóricos que abordassem a Agronomia enquanto ciência da complexidade sobre uma perspectiva do desenvolvimento sustentável. Assim, se conclui que a Agronomia, enquanto uma ciência da complexidade, ao contrário da Agronomia Normal, não considera a agricultura como um objeto inerte sobre o qual se deve intervir simplesmente para “melhorá-la”, mas como um objeto que deve ser compreendido cientificamente, de modo que sua evolução possa ser orientada em um sentido desejável (SILVA NETO, 2009). Nesse sentido, é essencial uma interpretação histórica e evolutiva do desenvolvimento da agricultura (MAZOYER; ROUDART, 2010), através da qual defendemos um enfoque global de agricultura sustentável que supere os problemas de ordem econômica, social e ambiental do atual padrão de desenvolvimento da agricultura. Nesse contexto, Caporal (2016) defende que a construção de estratégias capazes de oferecer melhores níveis de sustentabilidade exige a adoção de um novo paradigma para o desenvolvimento rural e agrícola, o que poderia ser alcançado a partir do enfoque agroecológico.

Para esse paradigma, ainda em construção, o conceito de desenvolvimento sustentável possui importância central, uma vez que a agroecologia é comumente compreendida enquanto um enfoque científico adotado para a promoção de um desenvolvimento sustentável da agricultura (CAPORAL; COSTABEBER, 2004; ALTIERI, 2004, 2012). Porém, Silva Neto e Basso (2010) salientam que é preciso especificar o que está – e o que não está – procurando-se sustentar, pois, de qualquer forma, no futuro, a sociedade será diferente. Assim, de um ponto de vista evolutivo, a determinação do que pode ser considerado desenvolvimento sustentável só tem sentido a partir da análise objetiva de problemas concretos, que permitam delimitar as alternativas que se colocam para a sociedade, as quais devem ser avaliadas levando-se em consideração as possíveis consequências e os meios necessários para que elas possam ser efetivadas (SILVA NETO; BASSO, 2010). Logo, a Agroecologia deixará de ser apenas um esforço teórico-prático no sentido de buscar uma nova relação entre Agronomia e Ecologia (CAPORAL, 2016).

Extensão rural e as políticas públicas para a agricultura familiar

A extensão rural, como foi discutida na palestra, é dotada de complexidade, uma vez que, para compreender a complexidade do meio rural, exige-se uma sólida e abrangente formação metodológica por parte do extensionista para assegurar a cientificidade das suas ações (SILVA NETO, 2013). O problema central concerne no fato de que a ação extensionista, diferentemente da pesquisa, ocorre em confronto direto com a realidade, envolvendo propriedades emergentes que, para serem analisadas, não podem ser isoladas do seu contexto, devendo, portanto, ser atividades de cunho investigativo, e que só podem ocorrer em condições não controladas (SILVA NETO, 2013).

Nesse sentido, defendeu-se a proposta de um extensionista que supere a relação de intermediário entre um conhecimento científico, desenvolvido nas Universidades, e os agricultores. Tal proposta enfatiza o extensionista enquanto um sujeito capaz de mobilizar ferramentas científicas em prol do agricultor, ou seja, capaz de exercer uma atividade investigativa perante a realidade, buscando entender os processos que geram os fatos, no entanto, observando a própria natureza de suas ações e seus impactos, visto que as condições em que o profissional atuará não serão condições controláveis. Isso significa que o agrônomo extensionista deve possuir domínio metodológico e rigor científico perante o conjunto da realidade agrária, devido a sua natureza complexa. Assim, este deveria questionar constantemente sua postura sobre a realidade para assegurar a cientificidade de suas ações.

Estendendo-se a discussão para as políticas públicas direcionadas à agricultura familiar, discutiu-se principalmente a respeito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Tal programa foi desenvolvido em 1994 e tem como principal objetivo o fornecimento de crédito subsidiado para uma categoria denominada Agricultura Familiar. Embora seja um dos principais programas (senão o principal) destinado exclusivamente à agricultura familiar, tanto qualitativa como quantitativamente, o PRONAF sofreu uma série de críticas, principalmente em função de que seu programa básico sempre esteve vinculado, direta ou indiretamente, à inclusão produtiva deste segmento ao mercado exportador de *commodities*. Ou seja, a produção de alimentos, que poderia ser destinada ao mercado interno, pouco foi incentivada pelo programa. Porém, ressalta-se que nos últimos anos ocorreram tentativas de alteração desta lógica através da inclusão de uma série de novas linhas de crédito, como PRONAF Agrofloresta, PRONAF Agroecologia, PRONAF Jovem, PRONAF Mulher, dentre outros, e também através de propostas de auxílio na comercialização dos produtos.

A partir da realização desse painel, compreendeu-se a importância de políticas públicas que sejam destinadas à agricultura familiar, mas que também sejam capazes de

contemplar toda a diversidade intrínseca a esta categoria social.

Palestras Paralelas

As palestras paralelas tiveram como principal objetivo complementar as discussões centrais do evento, dando oportunidade aos estudantes de escolherem os debates conforme suas preferências. Nas palestras paralelas, foram abordadas as seguintes temáticas: a) Arranjos Produtivos Locais e circuitos curtos de produção e consumo; b) Sistemas Agroflorestais; e c) Assistência Estudantil.

Arranjos Produtivos Locais e circuitos curtos de produção e consumo

Os Arranjos Produtivos Locais (APL) constituem-se em uma nova abordagem de planejamento territorial com base na cooperação entre entidades públicas, privadas e não governamentais (REMAF, 2016). Institucionalmente, o governo do Estado do Rio Grande do Sul tem priorizado os Arranjos Produtivos Locais através da Política Industrial e a Política de Combate às Desigualdades Regionais, as quais são sustentadas pelo Programa de Fortalecimento das Cadeias Produtivas Locais. O Programa considera os valores de Desenvolvimento Sustentável; Territorialidade; Desenvolvimento Econômico, Social, Cultural e Ambiental; Cooperação; Eficiência Coletiva e Aprendizado (ADMAU, 2016).

Dessa forma, os APL surgem como possibilidade de articular os circuitos curtos de produção e consumo. Segundo Charlotte e Chiffolleau (2007), podem ser distinguidos dois casos entre os circuitos curtos de comercialização, sendo estes a venda direta, quando o produtor entrega em mãos próprias a mercadoria ao consumidor, e a venda via um único intermediário, que pode ser outro produtor, uma cooperativa, uma associação, uma loja especializada, um restaurante ou até um pequeno supermercado local. No Brasil, os Arranjos Produtivos Locais tem fomentado ambos os casos de circuitos curtos. Darolt (2013) destaca que os mercados locais e a comercialização de circuitos curtos podem ser a chave para reconectar produtores e consumidores de alimentos, e uma forma de impulsionar o desenvolvimento local.

Nesse sentido, durante o debate foram ressaltadas questões da importância do desenvolvimento dos APL como ferramenta para o fortalecimento e desenvolvimento da agricultura familiar. Nessa palestra, foram destacadas duas questões relacionadas aos circuitos curtos de comercialização: a primeira diz respeito à relação de confiança estabelecida entre o consumidor e o produtor dentro dos circuitos curtos de produção, no qual ocorre a comercialização direta dos produtos agroalimentares pelos agricultores; e a segunda destacando a importância do incentivo ao associativismo e cooperativismo enquanto ferramentas de fortalecimento

da comercialização local dos produtos oriundos da agricultura familiar.

Sistemas Agroflorestais

Em decorrência dos diversos problemas relacionados ao desenvolvimento hegemônico da agricultura, tais como um aumento da pobreza, denunciado por Mazoyer e Roudart (2010), e a destruição dos agroecossistemas, argumento apontado por Gliessman (2009), novos modos de se fazer agricultura têm sido buscados, como, por exemplo, os Sistemas Agroflorestais (SAFs). Os SAFs compreendem consórcios de culturas agrícolas com espécies arbóreas que podem ser utilizados tanto para restaurar florestas e recuperar áreas degradadas, como para estabelecer sistemas de cultivo em meio à alta biodiversidade. Para Moraes et al. (2011), esses sistemas amenizam as limitações do terreno, minimizam os riscos de degradação, inerentes à atividade agrícola, e podem vir a otimizar a produtividade.

A palestra abordou as dificuldades de planejamento e condução de um sistema agroflorestal que apresenta alto grau de complexidade, tendo em vista as múltiplas possibilidades de interação e integração de culturas agrícolas anuais, espécies arbóreas para madeira, sombra ou frutícolas, juntamente com espécies animais, como gado, ovelhas, abelhas. Dessa forma foi demonstrada a necessidade de uma nova abordagem dos profissionais de Agronomia frente à complexidade do desenvolvimento desses sistemas agroflorestais na dinâmica e diferenciação dos sistemas agrários. Nesse sentido, a Agroecologia, ao priorizar a manutenção da biodiversidade e aumento de sua complexidade em prol da sustentabilidade dos agroecossistemas, apresenta-se como um enfoque científico a ser adotado na atuação profissional do agrônomo.

Assistência Estudantil

Em virtude da abertura de novos cursos de Agronomia a partir de 2010, a assistência estudantil passou a ganhar maior força na discussão do movimento dos estudantes. Essa palestra contou com a presença de representantes da União Nacional dos Estudantes (UNE), órgão máximo de representação destes no País, e União Estadual dos Estudantes Livre (UEElivre), órgão estadual de representação discente.

O objetivo do painel foi debater a questão de permanência na universidade, uma vez que, além da oferta de vagas, a permanência do estudante é central para o desenvolvimento da educação como um todo. Nessa oportunidade, foi apresentada aos estudantes a campanha “Entrar, Permanecer e Transformar a Universidade” (FEAB, 2014b) lançada pela UNE e apoiada pela FEAB. Essa campanha explicitou a necessidade do desenvolvimento e manutenção de políticas de assistência estudantil nas Universidades enquanto ferramentas capazes de oferecer as condições mínimas de manutenção dos estudantes, ou seja, a

garantia mínima de alimentação, moradia, transporte e infraestrutura.

Atividades Culturais

As atividades culturais são uma expressão direta da coletividade apresentada no movimento estudantil, uma vez que os estudantes cooperam na organização dos espaços artístico-culturais, com o intuito de valorizar a diversidade, demonstrando concomitantemente que a manifestação cultural se apresenta igualmente enquanto uma ferramenta de atuação política. Ora de modo mais sistemático, ora menos prioritário enquanto forma de manifestação e atuação política, a temática cultural sempre esteve presente na história do movimento estudantil (MESQUITA, 2008).

As atividades culturais consistiram na realização de apresentações artísticas e musicais que demonstrassem elementos típicos da cultura regional e nacional, além de elementos típicos da juventude moderna nacional, como a Música Popular Brasileira (MPB), a cultura Pop e o Rock in Roll. Dessa forma, nestes eventos, valorizam-se expressões artísticas e culturais dos próprios participantes, se traduzindo também na autonomia dos grupos e na integração cultural, visto que se reúnem estudantes oriundos de diferentes estados.

Intervenção Pública e Realização da I Feira Livre da Agricultura Familiar

Historicamente, os eventos organizados pela FEAB possuem, em sua programação, um dia reservado para intervenções públicas. As intervenções possuem o objetivo de fazer um diálogo com a sociedade local sobre temas debatidos durante os encontros.

No encontro de 2014, a temática escolhida fez alusão à comemoração do Ano Internacional da Agricultura Familiar (AIAF), promovido pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). Além da intervenção pública, foi organizada a I Feira Livre da Agricultura Familiar, em conjunto com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Cerro Largo (EMATER), Cooperativa dos Pequenos Agricultores de Cerro Largo (COOPACEL), Rede Missionária da Agricultura Familiar (REMAF), produtores feirantes, UFFS e o poder público municipal. A feira teve como propósito dar maior visibilidade para as potencialidades da agricultura familiar e valorizar os seus produtos. Segundo a EMATER (2014), participaram da feira 25 famílias, as quais disponibilizaram 70 tipos diferentes de produtos *in natura* e agroindustrializados, para um público consumidor estimado em mais de 600 pessoas.

Conclusões

Os encontros regionais dos estudantes de Agronomia consagram-se enquanto um espaço de diálogo e formação crítica dentro do conjunto do movimento estudantil nacional, contribuindo concomitantemente para o

intercâmbio sociocultural entre estudantes de diferentes regiões. Através dos temas e discussões realizadas durante o encontro regional, observou-se a necessidade de discutir a formação de um profissional que consiga superar os limites e a problemática acerca da concepção hegemônica da Agronomia. Nesse contexto, a Agroecologia apresenta-se enquanto uma ciência de enfoque sistêmico que adentra as barreiras da universidade, ao mesmo tempo em que as discussões sobre extensão expandem seus horizontes, de encontro a um projeto social de universidade.

Referências

- ADMAU, Agência de Desenvolvimento do Médio Alto Uruguai, **APLs**, 2016. Disponível em < <http://www.admau.org.br/pagina/apl> > acesso 29 ago. 2016.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável**. 5ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: Bases Científicas para Uma Agricultura Sustentável**. 3ª ed. Editora Expressão Popular: São Paulo, 2012.
- CAPDEVILLE, G. O ensino superior agrícola no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 72, n. 172, p. 229-261, 1991.
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.
- CAPORAL, F. R. Poderá a agroecologia responder aos cinco axiomas da sustentabilidade? **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 11, n. 4, p. 390-402, 2016.
- CERIOLO, P. **Método Pedagógico**. Veranópolis: Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC), Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA), 2003. Disponível em: < <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/caderno%20iterra%2013.pdf> > acesso 26 mai. 2017.
- COSTABEBER, J. A.; MOYANO, E. Transição agroecológica e ação social coletiva. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 1, n.4, p. 50-61, 2000.
- CHARLOTTE, L.; CHIFFOLEAU, Y. Vente directe et circuits courts: évaluations, définitions et typologie. **Les Cahiers de l'Observatoire CROC**, n. 1, p. 1-8, 2007.
- DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. In: NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA, L.A.; VEZZANI, F. M. (Org.). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. 1ª ed., Curitiba: Kairós, 2013, p. 139-170.
- EMATER, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural. **Feira Livre evidência força da agricultura familiar em Cerro Largo**. 2014. Disponível em: < <http://www.emater.tche.br/site/noticias/detalhe->

[noticia.php?id=19734#.V8N4CfkrLIU](#) > acesso 28 ago. 2016.

FEAB, Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil. **O livro cinza do Agronegócio**. Curitiba: FEAB, 2010.

FEAB, Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil. O papel da Agronomia na construção do projeto de soberania popular na Amazônia. **In:** 54º Congresso Nacional dos Estudantes de Agronomia, Belém: FEAB, 2011.

FEAB, Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil. A formação profissional do engenheiro agrônomo no âmbito da agricultura familiar. **In:** 57º Congresso Nacional dos Estudantes de Agronomia, Curitiba: FEAB, 2014a.

FEAB, Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil. **Entrar permanecer e mudar a Universidade**. Santa Maria: FEAB, 2014b.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 4º ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 654 p.

JEZINE, E. As práticas curriculares da Extensão Universitária. **Anuário UNESCO/UMESP de Comunicação Regional**, Brasília/UNESCO, v. único, p. 332-339, 2004.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MESQUITA, M. R. Juventude e movimento estudantil: discutindo as práticas militantes. **Revista Psicologia Política**, v. 3, n.5, p. 89-120, 2003.

MESQUITA, M. R. Cultura e política: A experiência dos coletivos de cultura no movimento estudantil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 81, n. 1, p. 179-207, 2008.

MORAES, L. F. D.; AMÂNCIO, C. O. G.; RESENDE, A. S. **Sistemas Agroflorestais para uso sustentável do solo: considerações ecológicas e socioeconômicas**. Seropédica: Embrapa Agrobiologia, (Documento 281), 2011.

RAMOS, R. F.; SUBUCKI, L.; ROHRIG, B. Desafios da construção de uma agronomia emancipatória: formação de um profissional sensível à dinâmica dos sistemas agrários e à realidade do campo brasileiro. **In:** IX Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2015, Belém - PA. Cadernos de Agroecologia, v. 10, n. 3, 2015.

REMAF, Rede Missioneira da Agricultura Familiar, **APL Missões**. Frederico Westphalen: ADMAU, 2016. Disponível em < <http://www.admau.org.br/pagina/apl> > acesso 28 ago. 2016.

SIMÕES, A. Refletindo sobre a formação profissional do agrônomo: a experiência da Universidade Federal do Pará. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 12, n. 1, p. 81-92, 2016.

SILVA NETO, B. A agronomia e o desenvolvimento sustentável: por uma ciência da complexidade. **Desenvolvimento em Questão**, ano 7, n. 13, p. 37-62, 2009.

SILVA NETO, B. Por uma agronomia como ciência da complexidade: o papel da disciplina de Extensão Rural. **In:** Seminário Nacional de Ensino em Extensão Rural, 2., 2010, Santa Maria/RS. Seminário Nacional de Ensino de Extensão Rural, 2010. **Resumos...** disponível em < http://w3.ufsm.br/seminarioextensaorural/arqs/Texto_Benedito_Silva_Neto.pdf > acesso 26 mai. 2017.

SILVA NETO, B. Agroecologia, ciência e emancipação humana. **Revista Brasileira de Agroecologia**. v. 8, n. 1, p. 3-17, 2013.

SILVA NETO, B.; BASSO, D. A ciência e o desenvolvimento sustentável: para além do positivismo e da pós-modernidade. **Ambiente & Sociedade**, v. 13, n. 2, p. 315-329, 2010.

TORRES, C. L. O simbolismo do MST na marcha e na mística: espaço itinerante de formação humana. **Revista Espaço Acadêmico**, ano 10, n. 110, p. 130-137, 2010.

Como citar este artigo:

RAMOS, R. F.; MACHADO, J. T. M.; TONIN, J.; SOBUCKI, L.; BETEMPS, D. L. Agroecologia e extensão: o movimento estudantil em defesa de uma nova agronomia. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 8, n. 3, p. 135-142, 2017. Disponível em: < <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/4779/pdf> >